

Expectativa é de juro real de 4,4%



O Governo deve elevar as taxas de juros reais este mês, principalmente para conter movimentos especulativos

em torno de ativos reais como ouro e dólar. Esta é a previsão com que os executivos de grandes grupos econômicos estão trabalhando, e que dá conta de uma taxa real de aproximadamente 4,4% em novembro. O aumento dos juros, segundo eles, é fundamental para que o nível do ágio do dólar paralelo não saia de controle, ficando em torno de 96%, ou seja, abaixo dos 110% registrados até a última sexta-feira.

A redução do consumo não faz parte do cenário traçado por eles, embora isso já comece a ser sentido em algumas áreas específicas, como a têxtil. A maioria das respostas indicou que haverá aumento da demanda. Todos apostam em que a proximidade do Natal levará muitos consumidores a antecipar compras, principalmente porque muitos começarão a receber parte do 13º salário no início de dezembro.

Mas em algumas áreas as expectativas não são tão otimistas.

— No setor têxtil e de confecções, já há o registro de uma tendência de queda nas vendas. A causa principal é a falta de recursos por parte dos consumidores para adquirir novos produtos — observa André Brett, Presidente da Indústria de Confecções Vila Romana.

Os empresários expressaram grande preocupação, neste mês de eleições presidenciais, quanto à possibilidade de que aumente a fuga de poupança aplicada no **overnight**. O Governo, acreditam, precisa tornar mais atraentes as Letras Financeiras do Tesouro (LFTs), face às aplicações em outros ativos, especulativos.

— Ao fim de novembro, caso haja congelamento, a expectativa é de um nível de 100%. Caso não ocorra congelamento, face ao momento político, minha expectativa é de 150% para o ágio do dólar — diz Adilson Xavier, Superintendente da Companhia Brasileira de Antibióticos.

Antônio Ermírio de Moraes também opina que o ágio do dólar no paralelo deve ficar elevado em função da "desenfreada especulação. É muita especulação para o gosto de qualquer um", desabafa. Mas ele admite que "as taxas de juros praticadas pelo Banco Central já são irrisórias".